

COMUNICADO DE IMPRENSA // GALERIA CAROLINE PAGÈS

Masquerade

Inaugura Sábado, 28 de novembro das 17 às 20 h

28 de novembro – 6 de Fevereiro, 2016



Marta Moura, Criminosos, Atletas e Artistas, 2015
Acrílico sobre papel
42 x 29,5 cm (cada)

Exposição colectiva com:

Gonçalo Mabunda (MZ)

Marta Moura (PT)

Celestino Mudaulane (MZ)

Pedro Valdez Cardoso (PT)

Francisco Vidal (PT)

Galeria Caroline Pagès

Rua Tenente Ferreira Durão, 12 – 1º Dto.

[Campo de Ourique]

1350-315 Lisboa, Portugal

T [+351] 21 387 33 76

M [+351] 91 679 56 97

gallery@carolinepages.com

www.carolinepages.com

Aberto das 15h às 20h, de terça-feira a sábado, e por marcação

A reunião do conjunto dos artistas expostos sob o título **Masquerade** - Gonçalo Mabunda, Marta Moura, Celestino Mudaulane, Pedro Valdez Cardoso, Francisco Vidal – não-parece obedecer a nenhum controlo programático que pudesse ser o tema, o filtro, a âncora, o que, sendo assim, liberta a exposição de uma leitura mais condicionada. Contudo, a todos estes artistas são comuns as qualidades próprias de uma posição na arte contemporânea que a diferencia de muitas outras atitudes contemporâneas. Refiro-me à condição crítica que a todas está subjacente e a uma energia subversiva que, embora expressa de diversos modos, é um manifesto comum. A condição crítica das obras face ao 'real' - dito assim de uma

forma simples - é ainda a continuidade de um processo vanguardista que ao longo das histórias de arte aparece em momentos precisos e que tem a sua rebeldia na passagem da recepção maioritariamente retiniana para um outro modo onde a fisicalidade, quer do espectador, quer da obra, passaram a ser determinantes. Mesmo tratando-se de pinturas ou esculturas, estas jogam-se numa busca do receptor preparado para sentir ou recordar com todo o corpo e as suas tensões.

Por outro lado, e parecendo até uma categoria datada e inadequada à actualidade onde a ilustração do pensamento único é hegemónica, é gratificante ver estas manifestações subversivas de gestos mínimos e vernaculares.

Marta Moura com **Criminosos, atletas e artistas** apresenta um conjunto de 20 retratos de pequena dimensão feitos a guache e lápis. Depois de em exposições anteriores a artista ter explorado os ícones e a espectacularidade da sociedade de consumo mostrando o choque dos carros, amuletos e objectos de consumo, a artista trabalha agora o tema do retrato. Mas os retratos não são neutros, nem meramente ilustrativos. Os retratos são de pessoas que constituem os heróis da mediatização cujo tempo de reconhecimento é breve, mas nem por isso menos importante para os consumidores dos fluxos de imagens. Não há nenhum critério de selecção moral na escolha destes retratados. O estatuto de herói destes destas figuras provém-lhes de terem ultrapassado o que os *media* consideram o rodapé da normalidade e por isso alcançam o mesmo estatuto sejam eles criminosos, atletas ou artistas (alguns deles reconhecidos portugueses).

Pedro Valdez Cardoso apresenta dois tipos de obras: a série de pintura e colagem **Puppetry** e duas máscaras. Em ambos os casos estamos face a uma paródia quer ela seja relativa aos frescos e à pintura palaciana e burguesa europeia, quer se relacione com as máscaras de algumas tradições de rituais africanos. As figuras das pinturas trabalhadas em folhas de palimpsestos são de cortesãos e de jogadores dos quais o artista substituiu o rosto por desenhos de máscaras. As máscaras aparecem subvertendo a ordem burguesa das pinturas iniciais sendo assim desconstruída a missão de representação do teatro de personagens que encarnavam o poder. Por outro lado as esculturas em pano que são máscaras antropomórficas remetem para rituais de natureza carnavalesca, introduzindo assim um último sentido de paródia e de festa.

Celestino Mudaulane, que é escultor e pintor, apresenta um desenho a preto e branco composto de quatro folhas, processo muito comum a este artista, que lhe permite aumentar a área de suporte e que simultaneamente evoca alguns ecos de BD. Na continuação de trabalhos anteriores em papel - contrariamente às suas esculturas que são de grande porte e individualizadas - as cenas de rua e de quotidiano de Maputo são o tema privilegiado deste artista. São fábulas do quotidiano onde animais, pessoas, plantas, insectos, carros contribuem para a composição de cenas. Sem narrativas lineares, as figuras do desenho - **Cadeia de valores** - preenchem todo o espaço do papel de suporte e permitem a apresentação de cenas em simultâneo. Na linguagem figurativa do artista o traço a negro contínuo ou interrompido, em mancha, zebra ou roda provoca a ilusão de três dimensões e um efeito gráfico que se aproxima do cinético.

Gonçalo Mabunda, escultor mais conhecido pelos seus troncos construídos com armas recolhidas da guerra civil em Moçambique, num gesto que foi apenas lido como um manifesto de pacificação mas que era também uma pesquisa sobre materiais escultóricos inéditos e inesperados - as armas -, apresenta agora duas máscaras - **Mundo vermelho** e **No money no love** - sem traços marcantes e sem expressão definida, porém de enorme impacto. Ao contrário da escultura monumentalista que tantas vezes encontramos em cidades africanas como expressão desmesurada do poder, estas obras devem o seu impacto à eficácia da colagem dos vários materiais, às cores fortes dos mesmos e à desfiguração harmoniosa do resultado destas máscaras que não sendo herdeiras directas da escultura tradicional moçambicana em madeira ou em pedra - teriam uma origem remota na revolução industrial - têm um enorme poder de nos interpelar. Na sua delicadeza e dimensão minimal elas são portadoras de uma força, tanto imagética como ornamental, poderosa.

Francisco Vidal, com desenhos de dimensões de grande escala - **Breakdance** - e de pequeno formato - 6 desenhos da série Flamingo - continua o seu trabalho propositadamente interventivo que vai da performance à instalação e que aqui toma a forma de pintura e desenhos que, apesar de usarem tela e papel como suportes, poderiam ser inscritos directamente na parede. É uma cena urbana juvenil que é representada na pintura, e desenhos de denúncia ou reivindicativos nas folhas de caderno soltas. O carácter rude desta pintura, a evocar todo um conjunto de artistas de 'rua' interventivos, declamativos e orgulhosos da 'má pintura', vale pela sua afirmação de grito e de ruptura com a arte bem comportada.

António Pinto Ribeiro, Novembro de 2015

Pedro Valdez Cardoso (PT n. 1974) nasceu em Lisboa. Vive e trabalha em Lisboa.

Das exposições individuais que protagonizou, destacam-se: *Ártico: narrativa e fantasmática*, comissariado por Nuno Faria, Centro Internacional das Artes José de Guimarães (2015); *Ignoto* (com Carlos No), Centro de Artes de Sines, (2015); *Reino*, Convento de Cristo, Tomar (2014); *The Devil's Breath – Parte III*, MACE – Museu de Arte Contemporânea de Elvas (2014); *Discurso do Método*, IVAM – Instituto Valenciano de Arte Moderna, Valência, Espanha (2013); *Quarto sem vista*, Museu de Arte Contemporânea do Funchal, Madeira (2011); *Les Dresseurs (Os Domadores)*, Galeria Presença, Porto (2011); *O Peso da História*, Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto (2011); *Mme. Pompadour voyage en Afrique*, Galeria Babelos, Vigo (2009); *Crude*, Museu da Cidade/Pavilhão Branco, Lisboa (2007); *Areias Movediças*, Módulo – Centro Difusor de Arte, Lisboa, PT (2005).

Pedro Valdez Cardoso participou ainda em diversas mostras coletivas, tais como: *Colónia Apocrifa*, MUSAC – Museu de Arte Contemporânea de Castilla y León, ES (2014); *Paisagem e Natureza*, Museu de Évora (2013); *Para Além da História*, Centro Internacional das Artes José de Guimarães (2012); *O Fim do Mundo*, Centre Culturel de Rencontre Abbaye de Neumünster, LUX (2012); *O Rio Voador*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (2012); *MUITO OBRIGADO – Artistas portugueses en la colección de la Fundación Coca-Cola*, DA2 Domus Artium, Salamanca, ES (2010); *A arte é a melhor forma de perceber o mundo*, BES Arte&Finança, Lisboa (2010); *Do Séc.XVII ao Séc.XXI: além do tempo, dentro do Museu*, Museu Nacional Soares dos Reis, Porto (2009); *Entre Mundos V – La travesía de vuelta*, Puerto de Las Artes, Sala Hotel París, Huelva, ES (2009); *REMADE – A um Passo do Sonho*, Fundação EDP, Lisboa (2009); *Opções & Futuros – Obras da Coleção PLMJ*, Museu da Cidade de Lisboa (2009); *Café Portugal*, Design Factory, Bratislava, Eslovénia / Fundação Eugénio de Almeida, Évora e Museu Carlos Machado, Ponta Delgada, Açores (2008); *Where are you From? – Contemporary Art from Portugal*, Falconer Gallery, Grinnell College, Iowa, USA (2008); *Jardim Aberto*, Palácio de Belém, Lisboa (2007); *Lisboa.Luanda.Maputo*, Cordoaria Nacional, Lisboa (2007); *Entre a Palavra e a Imagem*, Fundación Luís Seoane, La Coruña, ES (2006); *Momentos de Vídeo-Arte Portuguesa Contemporânea*, Photo España, Centro Cultural Conde Duque, Madrid (2006).

A sua obra está representada nas coleções do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra; da Câmara Municipal de Óbidos; do Centro Cultural Emmerico Nunes, Sines; da Fundação Carmona e Costa, Lisboa; do Museu da Carris, Lisboa; do Museu da Cidade, Lisboa; da Fundação D. Luís I, Cascais; da DA2, Salamanca, Espanha; da EMAC, Cascais; do Museu de Arte Contemporânea do Funchal, Madeira; da Fundação PLMJ, Lisboa; do Centro de Arte Contemporânea Ribeira Grande, Açores; do Museu de Arte Contemporâneo Union Fenosa, A Coruña, Espanha; e em coleções privadas em Portugal, Espanha, Suíça, Noruega e EUA.

Celestino Mudaulane (MZ n. 1972) nasceu em Maputo.

Licenciado em História pela Universidade Eduardo Mondlane, o seu trabalho em Escultura e Cerâmica foi agraciado com prémios da Fundação Alberto Chissano e da Bienal TDM, Moçambique. Em 2007 foi convidado para uma residência artística na Fundação Calouste Gulbenkian.

Em 2014 participou nas exposições *Artistas comprometidos? Talvez* na Fundação Gulbenkian (incluída no programa Próximo Futuro e comissariada por António Pinto Ribeiro) e *Cata-ventos* com Gonçalo Mabunda e Mauro Pinto que esteve na Galeria 111 no Porto e em Lisboa. Algumas das exposições colectivas mais relevantes em que participou foram: *Contested territories*, comissariada por Miguel Amado, Drosky Gallery, NY (2012), *Distância e proximidades*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2008), *Estado do Mundo*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2007), *Réplica e rebeldia*, comissariada por António Pinto Ribeiro, Museu Nacional de Arte de Maputo, MZ (2006)

A sua obra está representada na coleção de Joe Berardo entre outras em Portugal.

Gonçalo Mabunda (MZ n. 1975) nasceu em Maputo, onde vive e trabalha. Em 2010 foi distinguido com o Prémio Especial da Cultura em Milão, Itália.

Entre as exposições individuais que protagonizou contam-se *Cata-ventos* (com Celestino Mudaulane e Mauro Pinto) Galeria 111, Porto e Lisboa (2014); duas mostras na Jack Bell Gallery, Londres (2013, 2012); *A Utopia da Lei*, Bozart Gallery, Lisboa (2012); *My new voice*, Afronova Gallery, Joanesburgo, ZA (2008); *Give voice*, Gallery La Nuvola, Roma (2005).

Gonçalo Mabunda participou ainda em várias exposições colectivas, tais como *Caught in the Crossfire*, Herbert Art Gallery & Museum, Coventry, UK (2013); *O Círculo*, Galeria Kulungwana, Maputo, MZ (2012); *Made in Africa*, Sandton Art Gallery, Joanesburgo, ZA (2012); *The Global Africa Project* Museum, Museum of Arts and Design, NY (2010); *Projecto Karl Marx dezoito trinta e quatro*, Núcleo de Arte, Maputo, MZ (2011, 2010), às quais se somam participações nas feiras de arte de Marraquexe, Londres, Joanesburgo, entre outras.

A sua obra está representada em coleções como The Tropen Museum, Amesterdão; a Coleção Pigozzi, Genebra, Suíça; Public Art Norway, Hamar, Noruega; The Province Government, Hamar, Noruega; Army Museum, Delft, Holanda; Army Museum, Estocolmo, Suécia; Museu do Vaticano, Itália; Porjustitiae Foundation, Porto; International Sculpture Park, Changchun, China; National Museum of Uruguay, Montevideo, Uruguai; Tempietto del Carmelo, Roma, Itália; Museum of Saint Etienne, França; Musée International des Arts Modestes, França; Museum Le Memorial de Caen, França; Museu Nacional, Maputo, Moçambique; DAUM collection, Nice, França; MAD Museum, Nova Iorque, EUA; Brooklyn Museum, Nova Iorque, EUA; Parque da Davesa, Famalicão, Portugal.

Marta Moura (PT n. 1978) nasceu em Lisboa, onde vive e trabalha. Licenciada em Artes Plásticas na Escola Superior de Artes e Design da Caldas da Rainha, em 2007 concluiu o Mestrado de Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL).

Das suas exposições individuais podem destacar-se *Vanitas*, Next Room, Lisboa (2014); *Velocidade*, Galeria NovaOgiva, Óbidos (2013); *Lost and Found*, Galeria do Museu da Carris, Lisboa (2012); *Exposição*, Caroline Pagès Gallery, Lisboa (2011); *Trash around the corner*, Round the Corner, Lisbon (2010); *Limite*, Caroline Pagès Gallery, Lisboa (2008); *O Insustentável Peso da Imagem*, Sala do Veadó – Museu Nacional de História Natural, Lisboa (2007).

O seu trabalho foi também exposto em mostras colectivas tais como as exposições itinerantes *Atlas Secreto* (2014-2015) e *Jeune Creation Europeene* (2012-2013); diversas participações na Bienal de Cerveira (2009-2011); *Iniciativa X*, Espaço Arte Contempo, Lisboa (2010); *Cópia*, Sala Bebé, Lisboa (2010); *Vestígioll*, Pavilhão 28, Lisboa (2010); *Small is beautiful*, Caroline Pagès Gallery, Lisboa (2010); *1990/2010*, Sala do Veadó – Museu Nacional de História Natural, Lisboa (2010); *The Drawing Salon*, The Mews Project Space, Londres (2009); Pavilhão de Portugal – Hangar-7, Salzburg, Áustria (2009); *Aquilo sou Eu*, Fundação Carmona e Costa, Lisboa (2009); assim como vários projectos expositivos organizados em colaboração com a Galeria Luís Serpa.

A sua obra está representada em colecções como a da Fundação PLMJ, a Fundação Ilídio Pinho, a colecção do Museu da Bienal de Cerveira, do Museu da Carris, de Isabel e Julião Sarmento e outras colecções privadas em Portugal, França e Áustria.

Francisco Vidal (PT n. 1978) vive e trabalha em Luanda, Angola e Lisboa, Portugal. Formou-se pela Columbia University School of the Arts em Nova Iorque (EUA), onde concluiu o mestrado. Foi um dos artistas selecionados para o Pavilhão de Angola na 56ª Bienal de Veneza (2015), com curadoria de António Ole e curadoria-adjunta de Antónia Gaeta.

Expõe regularmente desde 2005, destacando-se as exposições individuais *Workshop Maianga Mutamba*, Galeria Tiwani, Londres (2015); *Água e Luz*, Instituto Camões, Luanda, Angola (2014); *AIR – African Industrial Revolution* no UNAP, Luanda, Angola (2012); *Água*, Galeria 111, Lisboa (2007); *Ecotone*, Galeria 111, Porto (2007); *Subbus*, Galeria 111, Lisboa (2006).

Das exposições coletivas em que participou destacam-se: *Devour!*, Freies Museum em colaboração com Savvy Contemporary, Berlim (2015); *African Industrial Revolution*, Tiwani Contemporary, Londres (2015); *Mabaxa*, Soso Gallery – Contemporary African Art, Luanda, Angola (2012); *Republic*, Fundação Calouste Gulbenkian (2011); MFA ThesisExhibition, Fisher Landau Center for the Art, Long Island, EUA (2011); *Povo*, Fundação EDP (2010); *O Dia pela Noite*, Lux, Lisboa (2010); e *Exchanging Glances*, Instituto Camões em Cabo Verde, Angola e Moçambique (2007).

O seu trabalho está representado em colecções como a da Fundação EDP, da Fundação PLMJ, a Colecção Sindika Dokolo, e a colecção da Fundação Calouste Gulbenkian, entre outras colecções privadas.

Para mais informação e imagens é favor contactar a Galeria Caroline Pagès pelo 21 387 33 76 ou 91 679 56 97 ou galleria@carolinepages.com.